

EU, DE AUGUSTO DOS ANJOS



Eu, única obra de Augusto dos Anjos, reúne sua obra poética. De linguagem científicista, o poeta mostra uma obsessão com a morte simultânea a sua aversão a ela. Fala de si mesmo, da doença que o vitimou (tuberculose), da humanidade, dos

*sentimentos, do banal; tudo pessimismo, linguagem e técnica impecável. O vocabulário e as imagens poéticas, que incluem expressões como "escarra esta boca que te beija", levaram os críticos da época a considerá-lo um poeta de mau gosto; não é verdade. Augusto dos Anjos em *Eu* demonstra uma visão de mundo como a de Machado que não se manifesta do mesmo modo sutil, mas é igualmente poderosa. Parnasiano na forma e simbolista nas imagens, Augusto dos Anjos é um pré-modernista e mostra nesta obra por seu estilo único e inconfundível.*

Leia uma breve entrevista realizada em 1912, quando da publicação do livro "Eu".



"Nome: Augusto dos Anjos.

Idade: 28 anos.

Profissão: Professor e Advogado.

Filiação: Filho legítimo do Bacharel Alexandre R. dos Anjos e dona Córdula C.R. dos Anjos.

Estado Civil: Casado.

Antecedentes Hereditários: Meu pai, vítima da surmenage, morreu de paralisia geral e minha mãe é excessivamente nervosa.

Antecedentes Pessoais: O que me pode adiantar sobre sua infância? Desde a mais tenra idade eu me entreguei exclusivamente aos estudos, relegando por completo tudo quanto concerne ao desenvolvimento, numa atmosfera de rigorosíssima moralidade, da chamada vida física.

Onde e como foi educado? Na Paraíba do Norte, Engenho Pau d'Arco.

Quais os autores que mais o impressionaram? Shakespeare e Edgar Poe

Qual o seu autor favorito? Todos os bons autores me agradam.

Como faz o seu trabalho intelectual? Durante o dia, quase sempre andando no meio de toda azáfama ambiente ou à noite deitado. Conservo de memória tudo quanto produzo. São muito poucas vezes que me sento à mesa para produzir.

Quais as horas que dedica ao seu trabalho intelectual? Não tenho horas metodicamente preferidas para o meu trabalho mental.

O que sente de anormal quando está produzindo? Uma série de indescritível de fenômenos nervosos, acompanhados muitas vezes de uma vontade de chorar.

Em que idade começou a produzir? Se não me falha o poder de reminiscência, presumo, comecei a produzir muito antes dos nove anos.

*Quais os trabalhos que deu á luz até a presente data? Um livro de versos, *Eu*.*

Quais as cores de sua predileção? A vermelha e a azul.

Quantas horas repousa? Meu repouso varia de 7 a 8 horas.

Sofre de insônia, cefaléia e amnésia? Até esta data não sou absolutamente de amnésia. Tenho insônia raras vezes, mas a cefalalgia persegue-me constantemente.

Tem continuados sonhos fantásticos? Quanto a sonhos fantásticos, é também muito raramente que os tenho.

Faz as suas refeições com irregularidade? Sim.

Tem muito apetite? Regular.

Faz uso desregrado do fumo? Não.

Faz uso do álcool? Não.

Faz uso excessivo do café, chá, outro excitante intelectual? Sou contra os excessos, o que não impede, entretanto, de abusar um pouco de café

NO ENGENHO PAU D'ARCO

Até os 24 anos, Augusto dos Anjos viveu praticamente no Engenho Pau d'Arco, propriedade da família, que se veria na necessidade de vendê-la, para pagamento de dívidas, em 1910.

Este é um dos aspectos marcantes de sua biografia: a ruína financeira da família, que ele acompanhou passo a passo. Era, ao mesmo tempo, uma tragédia pessoal e um sintoma da crise geral da lavoura açucareira nordestina e da economia rural brasileira, na República.

Do engenho, portanto, ele pouco saiu: em 1900, iniciou seus estudos no Liceu Paraibano, na capital. Foi a época, também, das primeiras publicações: tornou-se amigo de Santos Neto, filho de Artur Aquiles, diretor de jornal O Comércio. Foi nesse jornal que, desde 1901 até o fechamento do periódico, em 1908, publicou seus poemas.

O CURSO DE DIREITO

Em 1903, conta Santos Neto do amigo: "Matriculamo-nos na Academia de Direito do Recife, apenas com a diferença de que eu fazia os meus exames em dezembro, na fase normal, e ele os prestava na segunda época, em março. Augusto preferia ao tumulto da vida acadêmica, o isolamento de seu Engenho Pau d'Arco, onde respirava um oxigênio mais puro, vibrando em contato com a natureza nesse risonho encantamento da vida bucólica". (Santos Neto, Perfis do Norte, p.105.)

Foi no contato com o ambiente acadêmico que o poeta familiarizou-se com a ciência em voga, especialmente as doutrinas de Ernest Haeckel, muito lido na época. Absorve de tal modo aqueles termos que passa a usá-los mesmo nas conversas íntimas, com amigos, sem perceber. Não é de admirar que sua poesia também esteja coalhada dessas palavras...

A 13 de janeiro de 1905, depois de uma longa doença que o mantinha paralisado na cama, morre o pai de Augusto. No seu livro, Eu, Augusto dos Anjos transcreveria os sonetos que publicou na imprensa, alusivos à doença e à morte do pai.

ADVOGADO E PROFESSOR

O poeta estuda muito: "Leio de manhã à noite, não paro de ler numa febre de colher maiores conhecimentos", escreve à mãe, a 21 de maio de 1907. (Ademar Vidal, O Outro Eu de Augusto dos Anjos.)

No final daquele ano, formar-se-ia. Mas não exerce a profissão de advogado: a vida inteira, será professor, seja de alunos particulares, seja em estabelecimento de ensino.

Na Paraíba (atual João Pessoa), para onde se transferira, em 1908, seria professor interino de Literatura no Liceu Paraibano. E continuava escrevendo, e publicando: em 1908, Santos Neto funda uma revista, Terra Natal, que estamparia um soneto, "Último Credo", e um longo e importante poema, "As Cismas do Destino". No ano seguinte inicia colaboração no diário oficial local, A União.

GRANDES MUDANÇAS

Em julho de 1910, o poeta casa-se com dona Ester Fialho. Pensa em tentar a sorte num centro maior, o Rio de Janeiro. Procura conseguir do governador afastamento do Liceu Paraibano, o que lhe é negado, com a alegação de que era professor interino. Rompe com o governador, demite-se e parte para o Rio em outubro.

Lá, vai ter vida difícil: mudanças constantes – seis casas, em dois anos e meio – dificuldades financeiras, na falta de emprego regular: "Conheci Augusto numa fase horrível para nós ambos", escreve José Oiticica. "Eu, muito mais forte, mais batalhador, mais esperançado de vencer, com a falta de recursos multiplicava-me. Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora uma vez por outra me revelasse as suas condições. O que mais o amargurava era a injustiça social, solícita em premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados e avaríssima com os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração. Essa revolta íntima o levava a descreer do mundo, a ver em tudo podridão física e moral. O que atenazou a alma do poeta foi a luta pelo vil dinheiro, pelo pão dos filhos, que sua esposa heróica ajudava a ganhar" (José Oiticica, "Crônica Literária", In: A União. Paraíba do Norte, 25 de julho 1920).

Numa carta de 1911, Augusto é muito claro a respeito do modo como percebia sua situação: dizia-se "bacharel depenado, antigo professor de província, e possuidor

de outros títulos congêneres de desmoralização", (Ademar Vidal, op. cit., p. 188.)

A fórmula resume seu itinerário de vida: oriundo de uma família de pequenos proprietários rurais que se arruinou, teve como único patrimônio o diploma de bacharel em Direito. Seu ganha-pão viria, contudo, do magistério; primeiro, na província, depois, no Rio, para onde a necessidade o levou.

No Rio nascem os três filhos: um, natimorto, em 1911; a filha Glória, em 1912; Guilherme, o último, em 1913.

UM LIVRO POLÊMICO

Em edição particular, financiada com recursos próprios e do irmão Odilon, sai a coletânea *Eu*, O livro de estréia do escritor provinciano provocou escândalo: o público estava habituado à elegância parnasiana, poemas que se declaravam em salões. Na "belle époque" carioca, a literatura deveria ser "o sorriso da sociedade". Mas o *Eu* era um livro malcriado, de "mau gosto", de "poeta de soldado de polícia", teria dito Manuel Bandeira. A crítica, embora reconhecendo talento no estreante, fazia-lhe sérias restrições. A Faculdade de Medicina incluiu a obra em sua biblioteca, por tratar de assuntos científicos... O poeta, polêmico, só encontraria compreensão e aceitação a partir de 1928, quatorze anos depois de sua morte...

UM FINAL PREMATURO

Augusto não chegou a gozar de tranqüilidade na vida. Nomeado diretor de um grupo escolar, na cidade mineira de Leopoldina, mudar-se-ia para lá em julho de 1914. Assumiu a direção do estabelecimento, trabalhava entusiasmado,

dando aulas particulares, colaborando com a imprensa local, A Gazeta de Leopoldina. A vida parecia entrar nos eixos. O tom de sua correspondência, na época, era otimista

Mas adoece a 31 de outubro: apanha uma forte gripe que se complica, torna-se pneumonia e, apesar dos cuidados médicos, Augusto dos Anjos morre a 12 de novembro de 1914, com pouco mais de trinta anos.